

A EAD COMO UMA (RE)LEITURA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: A GOVERNAMENTALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE DOS SUJEITOS

Emerson dos Reis Dias¹

Márcia Aparecida Amador Mascia²

Introdução

Este artigo, fruto de nossa pesquisa de doutorado em andamento pelo Programa de Pós Graduação em Educação da USF – Universidade São Francisco e com apoio da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, tem como proposta fazer uma (re)leitura dos interdiscursos que emanam do Ensino Superior no Brasil no que tange à Formação Inicial de Professores de Matemática a distância (EaD – Educação a Distância).

Trabalhamos com a ADF (Análise de Discurso Francesa), com o conceito de sujeito, discurso e Formação Discursiva (FD). Também, com o conceito de Governamentalidade de Foucault.

Vivemos em tempos de mudanças e isso exige um sujeito com comportamentos diferenciados, fundado na alteridade e constituído pela linguagem, em que sujeito e linguagem se imbricam na materialidade e na ideologia. Isso leva os sujeitos a confrontarem discursos, em sua grande parte antagônicos, os quais se configuram em regimes de verdade e são veiculados como tal nos diferentes espaços sociais.

Ou seja, o professor e o aluno da EaD são de alguma forma inscritos nessas formações discursivas que são controladas, selecionadas, organizadas e redistribuídas, constituindo verdadeiras redes pelas quais transitam os novos perigos, e também os novos poderes da Educação Contemporânea.

Do ponto de vista metodológico, fizemos uma entrevista com uma professora de Matemática, ex-aluna de uma Licenciatura em Matemática integralmente pela EaD, buscando levantar os efeitos de sentido sobre EaD, sobre professor, sobre formação de professor de Matemática, de modo a investigar os novos regimes de verdade que perpassam os seus dizeres.

Breve percurso teórico

O nosso entendimento é que ‘discurso’ é um percurso a ser percorrido, como o caminho feito pelas águas de um rio ou riacho que irá desembocar no mar e ressaltamos, ainda, que essa água sofrerá antes, durante ou depois do seu encontro com o mar, o processo de sublimação, formação de nuvens e o processo de condensação, que são as chuvas. Entretanto, apesar de continuar sendo água, nunca mais será a mesma água que era antes de se encontrar com o mar. Por meio dessa metáfora, é possível pensar o sujeito e sua formação. Ele é um indivíduo atravessado por várias práticas discursivas advindas do meio, logo pela ideologia que o cerca e que emana das instituições onde esse sujeito está imerso.

Ao atentar para o funcionamento do discurso, buscamos diferentes sentidos, no fio das (ir)regularidades discursivas que apontam para a dispersão, para a heterogeneidade, para aquilo que, de forma alguma, pode ser capturado na simplicidade do “UM”, tanto do discurso, quanto do sujeito. Sobre isso, Coracini relata:

¹ USF – Universidade São Francisco, Itatiba/SP, Brasil. E-mail: profemerson@2015@gmail.com.

² USF - Universidade São Francisco. Itatiba. São Paulo. Brasil. E-mail: marciaaam@uol.com.br.

Não existe UM sentido, a não ser numa dada circunstância de interpretação que é sempre produção de sentido; não existe UM autor, a não ser como função jurídica [...] não existe UM discurso, já que todos são atravessados por outros discursos, assim como não existe UM sujeito, pois este é efeito do assujeitamento à linguagem, que, por ser porosa, permite fagulhas do inconsciente, do que recalamos, porque não “queremos” lembrar para não sofrer, manifestam-se no dizer, sob a forma de atos falhos, chistes, sonhos (CORACINI, 2011, p. 168).

Buscamos em Foucault o conceito de “Governamentalidade”, podendo dizer/(re)significar três coisas, que são:

1. o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança.
2. a tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, sobre todos os outros – soberania, disciplina, etc. – e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes.
3. o resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco governamentalizado. (FOUCAULT, 1979, p. 291 - 292).

A EaD surge oficialmente no Brasil pela Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional – LDB - (lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996), sendo normatizada pelo Decreto n. 2.494 (10 de fevereiro de 1998), pelo Decreto n. 2.561 (de 27 de abril de 1998) e pela Portaria Ministerial n. 301 (de 7 de abril de 1998).

Esta nova LDB reservou o artigo 80 para especificar o ensino e a educação a Distância. Não iremos relatá-lo na íntegra nesse momento, pois utilizaremos alguns fragmentos do mesmo para análise e discussão.

O Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005, faz diversas deliberações sobre a EaD e ainda cria a Secretaria de Educação a Distância, que passa a ser o órgão federal de maior instância e reguladora dessa modalidade em relação a tudo que trata da mesma, em aspectos que estão subdivididos em seis capítulos (que não trarei aqui na íntegra, mas que farão parte da escrita e análise deste texto). Porém, em minha tese tomarei os capítulos I, II, IV e VI do Decreto n. 5.622 de 19 de dezembro de 2005, o Decreto n. 5.773 de 09 de maio de 2006 e o Decreto n. 6.303 de 12 de dezembro de 2007 que altera alguns dispositivos legais dos decretos anteriores.

Partiremos do pressuposto de que o sujeito é produzido pelo meio social, pelos discursos produzidos pelos regimes de verdade, pelas relações de poder/saber e práticas da Governamentalidade, ou seja, que o sujeito é constituído culturalmente na e pela linguagem, é formado pelo discurso, e esse discurso, fruto das relações de poder/saber, das artes de governo, produz sua(s) identidade(s) (FOUCAULT, 2008). Tenho ainda como pressuposto que o Ensino Superior e as IES, na modalidade EaD dentro da formação de licenciados em Matemática, são um grande conjunto de maquinarias cultural e social e que o currículo e as legislações da própria modalidade funcionam como principais engrenagens, conforme nos diz Veiga-Neto:

Ao longo da Modernidade, a escola estabeleceu-se como uma grande maquinaria social e cultural, ou seja, como um grande conjunto de “máquinas” que, operando articuladamente entre si, desempenharam um papel crucial para a formação política, cultural e econômica da sociedade ocidental. Essa maquinaria, além de inventar espaços específicos para a educação das crianças e dos jovens, foi decisiva para a invenção de saberes e seus respectivos especialistas, encarregados de dizer como educar, ensinar, vigiar e regular essas crianças e esses jovens (2008, p. 142).

Análise

Trazemos para essa análise um sujeito licenciado em Matemática pela Modalidade EaD, formado em uma Universidade privada que denominamos de ‘X’ que é localizada no Triângulo Mineiro/MG e que desde 2006 tem formando alunos em diversos cursos, bacharéis e licenciados pela EaD, que é hoje uma ‘realidade’ no Ensino Superior do Brasil por IES – Instituições de Ensino Superior – públicas ou privadas.

A cidade onde está situado o campus principal, segundo o IBGE, conta com uma população de quase 300.000 habitantes. Trata-se de um polo universitário e sua principal fonte de renda, por muitos anos, foi exclusivamente a criação de gado Zebu e a agricultura. Apenas nas últimas três décadas é que houve uma maior diversificação nos seguimentos que propiciam renda para a cidade e sua população. Temos, então, a forte presença de empreendimentos imobiliários (construção civil); lojas e serviços (dois shoppings; uma loja da Havana; vários hipermercados e supermercados) e, claro, um Mercado Municipal (com muitas atratividades de consumo alimentício e de artesanatos) e, em seus arredores, várias igrejas e praças que são pontos turísticos visitados por muitas pessoas do país, as quais podem levar para suas casas os famosos doces e queijos mineiros.

Passamos a designar o sujeito de Avatar, saindo do sentido da cultura Indiana em que pode ser um deus ou uma divindade, mas como ‘seres sintéticos [...] representados por caixas cujos conteúdos são compostos por objetos: luzes, sons, links, imagens, textos, palavras e formas; [...] são metáforas do desconhecido, criando mundos virtuais alegóricos’ (FRAGA, 1999).

O Avatar 1 é do sexo feminino, tem 30 anos, têm três filhos e é casada, fez o curso pelo Polo de Uberaba/MG. Para a análise, trazemos trechos do seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso - e da entrevista concedida pelo Avatar.

TCC - Avatar 1:

“Chegamos então a 6ª etapa. Temos a sensação da vitória, de agarrar o troféu pelo qual labutamos esses anos. Já não tão imaturos tanto quanto aqui chegamos, por outro lado, ainda também não conseguimos chegar a altura das exigências do atual cenário educacional”.

Neste excerto extraído da ‘Introdução’ do TCC de Avatar 1, há alguns fios discursivos que enaltecem a ideia do ‘empreendedor de si’ e da ‘inclusão’ – *‘Temos a sensação da vitória, de agarrar o troféu pelo qual labutamos esses anos’*. – o verbo ‘agarrar’, assim como o verbo ‘lutar’, dando ênfase de que somente podemos ter a “vitória”, só e somente só para aquele(s) que se esforça(m), que correm atrás e que não ficam parados esperando somente pelo “Estado/Governo”. Trata-se de efeitos de sentido que se inserem em um discurso da FD da Governamentalidade Neoliberal.

Perguntamos para Avatar 1 sobre o motivo da escolha pela EaD e por que a Matemática:

Então! Éee. Quando eu voltei pra estudar, eu já num tava mais nenhuma mocinha, né! Então, já tava... já tinha meus filhos. Não dava para conciliar o trabalho, o serviço doméstico e uma faculdade presencial.

A princípio eu tinha esse preconceito também.

Tanto é que hoje eu até poderia ter sim um tempo pra estudar presencialmente, mais eu não abro mão da distância.

Mas e a Matemática?

Pelo gosto mesmo, eu sempre gostei de Matemática. E o meu esposo é formado em Matemática, e ele me incentivou também.

... O meu esposo começô a dar aula esse ano ele. Ele é funcionário público.

Nesse excerto, Avatar 1, quando enuncia “eu num tava nenhuma mocinha, né!”, discursivamente faz ecoar uma voz do seu “Outro”, que é seu eu interior, lugar de onde emana o inconsciente e o desejo do sujeito. Logo, Avatar 1 diz que não estava dentro da idade, digamos discursivamente atrelada ao ‘Regime de Verdade’ do Sistema Educacional Brasileiro, que preconiza uma idade coerente para iniciar um curso universitário, que seria por volta dos 18 anos. Além disso, no seu não dito, há também outra faceta que emerge da FD atrelada a toda a rede da EaD, que é a ideia de “inclusão”, pois ao longo dos últimos vinte anos, principalmente, o discurso sobre a inclusão tem sido ‘ostensivamente/fortemente’ fomentado, divulgado, alardeado, feito parte constitutiva de uma forte política ideológica. A partir disso, há ‘a ideia de oportunizar a todos’ o direito e o lugar nos bancos escolares, independentemente da idade, sexo, grau de escolaridade pretendida ou atual, que vêm discursivamente nos atravessando.

(In)Conclusões

Vemos emergir um ‘novo’ sujeito que discursivamente tenta estar 24 horas conectado, logo acessando e sendo acessado e na tentativa de quebrar a barreira tempo e espaço. Agora o ‘virtual’ passa a ser o real e, com isso, o sujeito tenta atender às demandas da sociedade globalizada, onde o mercado de trabalho também é ‘conectado’.

Com o advento da internet, o sujeito vem se tornando um ‘quê virtual’, a fim de atender demandas múltiplas ao mesmo tempo. Surge assim, quem sabe, o verdadeiro sujeito multitarefas que o mundo neoliberal e contemporâneo vem objetivando/subjetivando para torná-lo um ‘empreendedor de si virtual’ em sua edificação. Não são ‘verdades’ que deixamos, mas sim um discurso em forma de muitas nuvens que ainda possibilitarão várias outras pinceladas a fim de chegar não a um ‘quadro’ concreto, mas um ‘quadro’ de tantas outras pinceladas que possibilite a cada novo ‘olhar’ uma miríade de possibilidades de outros ‘Regimes de Verdades’ discutíveis.

Para Foucault (1979), cada sociedade constrói os sujeitos necessários para que ela continue existindo. Assim, nossa sociedade, está construindo/amalgamando o *Homo oeconomicus acessibilis virtualis*, um sujeito a serviço da Governamentalidade neoliberal. Um sujeito que por meio dos atravessamentos discursivos de normatização e normalização acredita ser um ‘empresário de si’ o qual está a serviço do mercado de trabalho globalizado ultrapassando o tempo relógio e atendendo mais de uma demanda ao mesmo tempo.

Referências

CORACINI, Maria José. Aspectos Metodológicos e Análise de Discurso: migrantes em situação de rua, entre a hos(t)ipitalidade e a anulação de si. In: TFOUNI, L. V.; MONTE-

SERRAT, D. M.; CHIARETTI, P. (Org.). **A Análise do Discurso e suas Interfaces**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011, p. 163-184.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

_____. **Segurança, Território, População**: Curso dado em Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Nascimento da biopolítica**: Curso dado em Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRAGA, Tania. Disponível em: <<http://taniafraga.art.br>>. Acesso em: 10/03/2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. Coisas do governo... In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2008. p. 13-34.